

ATIVIDADES ECONÔMICAS APÓS O CICLO DA BORRACHA EM JANAUACÁ E A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NESSE CONTEXTO

Priscila de Sousa Macena

Prof. João Lopes

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em História (HID 0167) – Trabalho de Graduação

09/11/2013

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar e pesquisar recursos que possam contribuir com a amenização das dificuldades encontradas em sala de aula na disciplina de História. Usar temas da História Regional que venham a ser estudados em sala de aula entre os discentes da região, é necessário para introduzir no âmbito educacional dos educandos de Janauacá uma parte da sua História Local, relacionando-a com o cotidiano dos alunos, já que os mesmos e suas famílias sobrevivem da agricultura e pesca. Portanto, é de suma relevância que escola e comunidade possam usar a História Regional e Local para transmitir cultura e conhecimentos aos educandos. É papel da escola pôr em prática métodos educativos que os levem a um aprendizado que lhes ajude a alcançar mais qualidade de vida, bem como engajamento na conservação do meio ambiente que utilizam para suas subsistências. A metodologia usada baseou-se em revisão bibliográfica, observação e intervenção durante o período de estágio e entrevista oral a membros da comunidade.

Palavras-chave: História local. Janauacá. Atividades econômicas.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como título Atividades Econômicas Após o Ciclo da Borracha em Janauacá e a Conservação Ambiental Nesse Contexto, e a área de concentração escolhida foi história regional.

Esse tema começou a ser pesquisado na primeira etapa do estágio com o tema “As atividades extrativistas no distrito de Janauacá”, em que foram abordados assuntos do Ciclo da Borracha e o látex; na segunda etapa o tema foi “Atividades comerciais e econômicas surgidas após o ciclo da borracha na agricultura e na pesca em Janauacá”, e, com base nesses, seguiu-

se o terceiro estágio. Dessa forma, ficou sendo uma pesquisa voltada ao grande desenvolvimento ao longo dos séculos XIX e XX diante da história regional, que é privilegiar as diferentes formas de ocupação do espaço e os conflitos advindos desse processo. É um recorte que realizamos num objeto maior de estudos. Esta divisão serve para compreender e discutir as singularidades de uma determinada região, que em uma análise mais global se perderia dentro de uma preocupação com o meio ambiente.

Não se trata de abandonar a história nacional ou geral, mas aprofundar aspectos regionais e locais, buscando compreender as semelhanças e as diferenças de cada região.

Nesse sentido, o tema “Atividades Comerciais Após o Ciclo da Borracha em Janauacá e a Conservação Ambiental nesse Contexto” tem o intuito de analisar e descrever o ensino da história regional nos meios comerciais e econômicos da época até os dias atuais, que estão sendo gerados como fonte de renda a cada cidadão ribeirinho. Atividades estas vindas após o ciclo da borracha é um desenvolvimento na expansão e na renda familiar que foram ao longo dos séculos crescendo e se modificando na comunidade local da Amazônia em Janauacá.

Ao estudar sobre a história regional, com o intuito de analisar como o docente ensina no ambiente escolar os fatos regionais e como é passada a História do Amazonas, estas questões foram colocadas como dificuldades encontradas na disciplina. Sabe-se que a educação reúne diversos conhecimentos de grande relevância; portanto, é preciso analisar e pesquisar os recursos que possam contribuir com a amenização das dificuldades encontradas em sala de aula, principalmente na disciplina de História Regional.

Pensando nessa perspectiva de atividades com esse tema é que se segue falando de uma época que marcou a Amazônia, que foi o Ciclo da Borracha. Nesse sentido, é necessário que o aluno aprenda sobre esses fatos, enriquecendo seus conhecimentos.

Faz-se necessário introduzir no âmbito educacional dos educandos de Janauacá uma parte da sua história local, relacionando-a com seu cotidiano, já que a população da localidade sobrevive da agricultura e da pesca; portanto, é de suma relevância que escola e comunidade possam usar a história regional para transmitir cultura e conhecimentos aos educandos, uma vez que, se a comunidade de Janauacá sobrevive das atividades econômicas, ou seja, agricultura e pesca, é fundamental que conheça métodos educativos que garantam mais qualidade de

vida, bem como a conservação do ambiente que utilizam para suas subsistências.

Acredita-se que muitos cidadãos não dão a devida relevância à história regional e local, mas é nessa proposta de se trabalhar os acontecimentos da região que se buscou investigar, argumentar e criar propostas e métodos educacionais para trabalhar este tema na sala de aula e com a comunidade. Desta forma, tornam-se cidadãos conhecedores da sua história e sensibilizados quanto ao bom uso dos recursos naturais que utilizam para sua sobrevivência econômica.

Por isso, precisa-se enfatizar a importância de conhecer a história de seu povo e os propósitos que levaram a tais acontecimentos. Como acabou o Ciclo da Borracha, o que aconteceu com os trabalhadores dos seringais? O que levou a população de Janauacá a sobreviver da agricultura e pesca e quais as rivalidades entre pescadores e agricultores? E os recursos naturais em meio a tantos desgastes? Como sensibilizar alunos e comunitários na busca da conservação ambiental local?

São questões fáceis de serem respondidas, porém difíceis de serem praticadas, seja na comunidade, seja na sala de aula. Foi o fim de uma época de conflitos, trabalhos, riquezas, doenças, dívidas que marcaram a época dos seringais. Entretanto, também foi o momento em que muitos trabalhadores se viram sem nenhum ganho para sustentar suas famílias. Então, o povo do lago do Janauacá investiu seus esforços em trabalhos como a pesca e a agricultura, como o plantio da mandioca, uma vez que quase todas as famílias do local tiravam seus sustentos dos seringais. Com a crise que surgiu, foi difícil continuar fazendo látex. Todavia, houve conflitos entre pescadores e agricultores, ocasionando a Guerra do Peixe, e até os dias atuais existem rivalidades ligadas à guerra.

Contudo, tanto o plantio quanto a pesca são atividades ligadas ao meio ambiente e estão sendo prejudicadas pela falta de uso consciente. É necessário criar propostas de remanejamento para o plantio, bem como evitar derrubadas e queimadas, além de respeitar as espécies de peixes proibidas na época do defeso e evitar pegar os peixes que não vendem, para que não fiquem jogando no rio.

Ao se trabalhar sobre o Ciclo da Borracha no Estágio I e II, notou-se a falta de conhecimento do aluno no que se refere a este assunto. Portanto, é relevante continuar com este tema, ampliando as atividades comerciais e econômicas surgidas após o ciclo e sugerir propostas educativas de conservação dos recursos naturais que utilizam.

Assim, a pesquisa seguirá com a proposta de incentivar os moradores e os alunos a utilizarem-se da natureza para seu sustento de forma sensível quanto à conservação ambiental, a ver a história do Período da Borracha como uma riqueza de conhecimento para seu aprendizado e para seu futuro, tornando-se conhecedor, sensível e capaz de fazer a diferença na sua história com a história regional.

2 A ECONOMIA NA AGRICULTURA E NA PESCA NOS SÉCULOS XIX E XX NA COMUNIDADE LOCAL E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NESSE CONTEXTO

Ao se escolher o referido tema, foi pensando no conhecimento histórico do educando na História Regional, pois é de grande valia que o indivíduo cresça e torne-se conhecedor dos acontecimentos que marcaram sua localidade. E nesse momento surgem reflexões acerca de melhorias educacionais, metodologias capazes de mudar o desenvolvimento do aluno e até das pessoas ao redor, mas o principal não é levá-los a tais conhecimentos, mas torná-los capazes de construir conhecimentos a

partir do aprendizado de forma digna e feliz. Alessandrini (2001, p. 103) diz que:

Enfim chega o momento de refletir sobre como mudar, como promover uma ação educacional que possibilite o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens engajados em suas próprias competências, capacitando-os a serem construtores de um mundo onde todos constituem agentes dinamizadores da vida mais justa, amorosa e feliz.

É preciso que os alunos tornem-se capazes de construir um futuro feliz e competente na busca de melhorias quanto à sua qualidade de vida e das pessoas ao seu redor. Dessa forma, ao estudar a história regional, o indivíduo investiga, aprende, constrói, participa e cresce com esses conhecimentos. No que se refere à época do declínio da borracha, os seringueiros se viram diante de uma situação de necessidades, falta de sustento e sem norte econômico e comercial; foi, então, uma grande crise para a população, que, apesar das dívidas e de poucos ganhos, dali sobreviviam ou tentavam sobreviver, já que era um trabalho exaustivo e cansativo.

[...] No início de cada dia de trabalho, circulava por uma das estradas, parando em cada seringueira para fazer-lhe um novo corte e fixar uma pequena tigela de latão, a fim de recolher o látex através do talhe feito na árvore. Esta primeira etapa, por si só, já constituía uma longa e desgastante tarefa, devido à grande distância que separava uma seringueira da outra. Por volta do meio-dia o seringueiro retornava ao tapiri, quando normalmente fazia a primeira refeição [...] (SANTOS, 2010, p. 201-202).

Refletindo nas dificuldades encontradas no dia a dia desse trabalhador, é visível o quanto, embora cansativo, ele não se afastava do mesmo, e quando houve o declínio este seringueiro se viu diante de uma situação econômica difícil. Quando outros países começaram a plantar as seringueiras e a colher os resultados, então a Amazônia não teve como competir, pois aqui o trabalho

era mais demorado, enquanto lá fora existia mais tecnologia, como reforça Santos (2010, p. 223):

A heveicultura já se constituía numa realidade nos países asiáticos, os alemães iniciavam o plantio experimental na África, no Vietnã e em outros pontos da Indochina, os franceses se aplicavam ao plantio. Enquanto que, no Brasil, alguns ensaios de plantio foram realizados na Amazônia e na Bahia. Depois de 1900, as áreas de cultivo de seringueiras se expandiram na Malásia, Ceilão, Índia, Birmânia, Bornéu Britânico, Índias Orientais Holandesas e no Sião.

Segue-se, portanto, uma fase em que o trabalhador do seringal volta para sua família, na expectativa do novo caminho que deverá seguir para garantir o sustento de sua família e, então, os moradores do Lago de Janauacá começaram suas atividades econômicas na agricultura e outros na pesca. No entanto, também tiveram que enfrentar novos desafios, plantar, colher e vender, surgindo dificuldades para isso também. Os preços eram baixos e acabavam tirando apenas para irem sobrevivendo até o comércio melhorar os preços da farinha e da goma. Os pescadores enfrentavam as dificuldades de conduzir o peixe até Manaus para realizar a venda, já que havia pouquíssimos barcos de pesca, conforme relatos de moradores daquela época, que apresentaremos mais à frente.

Como se tudo isso não fosse o suficiente para as famílias seguirem com suas subsistências e garantir suas economias, havia um conflito no qual agricultores não queriam deixar os pescadores lançar os peixes em seus terrenos. Apesar do lago ser público, surgiu a Guerra do Peixe, pois assim ficou conhecida; barcos de pesca foram quebrados, as caixas de isopor em que os peixes eram gelados e redes de pesca e malhadeiras também foram destruídas, levando até à morte de pescadores, uma vez que foram os agricultores que fizeram o conflito. “Um dos principais conflitos registrados na Amazônia foi a ‘guerra do

peixe’ no Lago Janauacá, nas proximidades de Manaus, em 1973, ainda que incidentes semelhantes tenham sido reportados em várias outras localidades amazônicas” (BARTHEM, et al., 1997, p. 84).

Ao longo dos anos, os pescadores do Lago de Janauacá tentaram esquecer esse fato, porém marcou muito a vida da maioria das pessoas, sendo que, apesar de vários acordos de pesca realizados no local, ainda existem conflitos até os dias atuais entre pescadores e agricultores. E no que se refere à economia e ao comércio das atividades aqui destacadas, estes se desenvolveram bastante ao longo do tempo, pois agricultores vendem melhor seus produtos, assim como o pescador hoje tem seus direitos garantidos pelo Ministério da Pesca, tendo o peixe bem valorizado.

E nesta proposta, tanto a agricultura quanto a pesca são desenvolvidas com os recursos naturais, tornando relevante que alunos e moradores da comunidade aprendam a valorizar o ambiente e garantir uma conservação adequada da terra, da floresta, rios e peixes, para que se façam presentes na vida de crianças e jovens no futuro. Todavia, necessita-se dos recursos naturais para se sobreviver.

A E. A. é considerada um processo permanente pelo qual os indivíduos e a comunidade tomem consciência do seu meio ambiente e adquiram o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver problemas ambientais presentes e futuros (DIAS, 2003, p. 148).

Nesse sentido, precisa-se estudar, pesquisar e aplicar estratégias e metodologias que indiquem novos nortes ao educador/educando, trabalhando coletivamente com experiências e nos resultados, capazes de melhorar os usos dos recursos naturais, provando aos cidadãos que é possível viver na natureza sem destruí-la, que é possível

viver na comunidade de forma equilibrada e que os problemas naturais podem ser resolvidos, não somente em grupo, mas também individualmente, pois somente assim poderão confirmar-se cidadãos sensíveis no hoje e no amanhã.

Ao fazer o plantio, os agricultores fazem grandes desmatamentos, queimadas, e isso prejudica a natureza como um todo. De acordo com Lippi (2001, p. 66), “O desmatamento de uma floresta acarretará diminuição da circulação de água, com isso as chuvas diminuirão, prejudicando o volume de água dos rios e a vida dos vegetais e animais”.

Assim sendo, há pescadores que também prejudicam a natureza fazendo mal uso do seu trabalho, jogando peixes nos rios, capturando as espécies proibidas na época do defeso, que é de dezembro a março. Isto prejudica somente o rio? Não, mas a todos. Como diz Benedicto (2007, p. 591), “A atividade humana vem causando nos últimos anos um grande impacto nos ecossistemas aquáticos. São muito frequentes as notícias de mortandade de peixes [...]”.

Portanto, é relevante enfatizar o uso adequado dos recursos naturais na comunidade e na sala de aula, sendo que a economia e o comércio local giram em torno desse contexto, levando o aluno a novas descobertas e conhecedor da história da sua localidade, bem como de práticas ambientais competentes, cabendo assim aos historiadores/educadores buscar, inovar, reinventar, planejar estratégias e aplicar métodos capazes de despertar o indivíduo para a pesquisa, seja esta dentro ou fora da sala de aula. Mas o que vale é formar cidadãos críticos, capazes, reflexivos e competentes na busca pelo saber, pois para aprender é preciso interagir com o mundo à sua volta, para que possa viver e modificar a realidade. Assim afirmou Piaget (1990, p. 127): “À medida que a criança passa a interagir com o mundo ao seu redor, ela

começa a atuar e a modificar ativamente a realidade que a envolve”.

Nesse sentido, cabe ao professor/pesquisador aprofundar seus conhecimentos para, então, oferecer bons métodos para a aprendizagem dos seus alunos. É preciso formar cidadãos capazes de viver na sociedade, mas que se transformem individualmente, ou seja, para que assim se tornem precisam também conhecer a sociedade da qual faz parte e sua história de vida.

Aprender não é apenas um processo cognitivo, que ocorre no âmbito específico da psique, reduzido à esfera individual, mas é também um processo determinado histórico-socialmente. Aprender significa, assim, atender a determinadas necessidades sociais e individuais (MELO; URBANETZ, 2008, p. 117).

A história regional deve deixar de ser percebida para ser entendida. O indivíduo, além de aprender, precisa entender que esta faz parte da sociedade e que ele está inserido nesta, portanto se faz necessário que ele desvende suas origens, cultura e saiba que, além de estudar história, ele tem história e que sua localidade é o seu ponto de partida na busca do conhecimento.

Ou seja, quando nos perguntamos o que o aluno deve aprender em História, significa pensar como a História – compreendida na dimensão da vivência cotidiana e na dimensão de um campo específico do conhecimento – deve deixar de ser meramente percebida para ser compreendida. Significa também a possibilidade de o aluno se reconhecer enquanto sujeito determinado pela História ao mesmo tempo em que a determina, por meio de seus atos e valores (MOREIRA; VASCONCELOS, 2007, p. 98-99).

Assim, é fundamental que alunos e comunitários aprendam mais sobre as atividades econômicas e comerciais surgidas após o Ciclo da Borracha e que precisam conservar o meio ambiente, tornando-se cidadãos conhecedores, responsáveis,

capazes e construtores de uma vida plena e feliz.

FIGURA 1 – ESCOLA ALIANÇA – MEIO AMBIENTE



Fonte: Arquivo do autor.

Nesse contexto, a conservação ambiental diante da agricultura e da pesca ficou sendo o principal meio de preservação, através de uma conscientização aos discentes e aos moradores da localidade, onde criaram a festa da reciclagem, a festa da mandioca e a festa do mapará, as quais reúnem alunos e comunidade para mostrar como se pode gerar renda sem maltratar a natureza de onde é retirado o sustento das famílias, ocorrendo grandes incentivos em torno da sociedade onde vivem.

2.1 A AGRICULTURA E A PESCA COMO FONTE DE RENDA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM JANAUCÁ

A expansão que ocorreu na produção da goma elástica foi significativa na sociedade, manifestando desenvolvimentos capazes de produzir impactos na vida do homem do seringueiro, atribuindo-lhe no seu espaço de temporalidade enriquecida com realidades da vivência, dando ao produto da época uma valorização econômica.

A partir do declínio da economia da borracha, na segunda década do século XX, a Amazônia entrou no verdadeiro marasmo econômico, os períodos de prosperidade e subsequências foram poucos e curtos demais para poder gerar o dinamismo capaz

de proporcionar um crescimento econômico contínuo.

E quando os preços caíram e os seringueiros puderam plantar e colher, não alcançaram grandes safras primeiras, porque não sabiam como trabalhar a terra, e depois porque não tinham mercado para a venda da produção, cingindo, assim, a uma agricultura puramente de subsistência (BATISTA 1976, p. 133-134).

As populações do interior do Estado do Amazonas, além das atividades de subsistência, voltaram a dedicar-se ao extrativismo vegetal, à agricultura e a outras atividades direcionadas para o abastecimento da capital. A novidade ficaria por conta da agricultura, introduzida nos municípios do baixo e médio Amazonas na década de 1930 pelos imigrantes japoneses. A Amazônia vivia em função dessa débil economia e de parcas transferências de recursos do Governo Federal. As técnicas introduzidas pelos imigrantes, diferenciadas das que até então predominavam na região, permitiram obter maior volume de captura do pescado. Segundo Abdallah (1998), a atividade pesqueira pode ser definida como aquela que compreende desde a captura até a venda do pescado diretamente ao consumidor ou para a indústria. Na cadeia produtiva pesqueira estão inseridas tanto as atividades fornecedoras de insumos (representadas por embarcações, redes, apetrechos de pesca etc.), como as atividades de industrialização e comercialização do pescado. E a nova base de organização da produção ocasionou mudanças significativas na pesca, enquanto atividade produtiva, da Região Norte (RODRIGUES et al., 1989). Dado que, com a vinda dos imigrantes portugueses, os pescadores locais foram se integrando a esses novos pescadores e acabaram transformando-se em proeiros (pescadores sem a posse dos instrumentos de pesca). No entanto, até os anos 60, do século XX, a atividade pesqueira no Brasil, assim como no Norte, era predominantemente artesanal

e sua produção estava voltada basicamente para atender ao mercado interno. Segundo Souza (2005, p. 96), "A partir de então, através de uma política de incentivos fiscais e crédito do SNCR à pesca, desenvolve-se a chamada pesca artesanal e industrial, voltada, preferencialmente, para o mercado externo".

De acordo com os mapas de importação do exercício de 1864-1865, foram importados diversos gêneros para a província, como café, farinha, tabaco, feijão, milho, carne seca. Portanto, a partir de 1966 iniciou uma fase de desenvolvimento extensivo dos setores produtivos do extrativismo agrícola e na piscicultura da economia regional.

Apesar da clareza e amplitude dessas normas, muitas vezes elas são desconhecidas ou incompreendidas. Mais grave ainda são os conflitos que ocasionalmente ocorrem por causa do choque de interesses no próprio âmbito de pescadores ou agricultores com outras atividades paralelas ou concorrentes. Um dos principais conflitos registrados na Amazônia foi a "guerra do peixe", no lago Janauacá, nas proximidades de Manaus, em 1973, ainda que incidentes semelhantes tenham sido reportados em várias outras localidades amazônicas (BARTHEM et al., 1997).

Os conflitos da pesca, além de causarem uma atmosfera de suspeita e insegurança generalizada, têm levado à destruição de barcos e equipamentos e mesmo à morte. Em geral, eles ocorrem entre pescadores nômades ou "de fora" e moradores locais, que consideram os lagos como propriedade sua ou da comunidade da qual fazem parte.

Neste momento a pesca de subsistência passou a ser desenvolvida por pescadores ribeirinhos, destinada à sua alimentação e à de seus familiares como fonte de renda. Quando bem-sucedida, parte da produção pode ser vendida a intermediários ou em

feiras das vilas mais próximas. Trata-se de uma atividade difusa, praticada por milhares de pessoas e, por isso, sua produção é difícil de ser quantificada. É também muito expressiva do ponto de vista cultural, por ser uma atividade comumente praticada por gente de ambos os sexos e de todas as idades e categorias sociais.

Essas atividades estão voltadas ao comércio, com grande desafio de uma geração de renda sustentável na comunidade. Após o declínio do látex, deixaram uma história que foi o começo do estudo em volta desses fatos regionais. É necessário pesquisar na comunidade do Janauacá, Estado do Amazonas, o extrativismo dessa região, sendo que este deixou uma grande história por meio da produção regional, contada por pessoas que vivenciaram essa realidade na época, além de diferentes formas desse processo em constante mudança na distribuição que levaram a outras atividades comerciais.

Assim, a agricultura e a pesca ficaram sendo as principais fontes de renda sustentável para a comunidade. Como essas atividades são desenvolvidas a partir de recursos naturais, é relevante que escola e comunidade estejam unidas na busca de metodologias que possam estimular os bons usos da natureza, uma vez que esta é indispensável para a sobrevivência. Fazendo uso de meios que possam ser adequados à atividade pesqueira, na forma como é desenvolvida, constitui-se como algo inserido na cultura dos caboclos-ribeirinhos que antecederam a legislação e usavam e ainda usam o rio como parte do seu ambiente de convivência e sustentabilidade, estabelecendo uma relação de dependência com os meios comerciais, ocorrendo cuidados com a retirada dos peixes dos rios e lagos.

Constatou-se que os instrumentos mais utilizados na pesca comercial para o manejo são:

QUADRO 1 – INSTRUMENTOS DE PESCA UTILIZADOS NA PESCA COMERCIAL E MANEJO

Pesca do peixe de escama	Pesca do peixe liso
Arrastão	Arrastão
Malhadeira	Espinhel
Canoa rabeta	Linha de pesca
Canoa com motor no centro	Canoa com motor no centro

FONTE: O autor

O utensílio mais utilizado na pesca comercial surgiu a partir da percepção do espaço nos rios e lagos onde tal utensílio adéqua-se da melhor forma para a captura do pescado. Em contrapartida, para que seja feita a pesca de arrastão, exige-se dos pescadores a preparação do leito do rio, ou seja, retirar os troncos de árvores que porventura venha a prejudicar o manejo desta prática, assim estabelecendo melhores condições de manejo.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi definido na área de concentração escolhida, baseado sobre a história regional - uma linha de pesquisa no modo quantitativa, em que se utilizou de entrevistas orais com os docente e moradores da região, observações e pesquisa bibliográfica, metodologia explicativa, objetivando esclarecer, explanar e explicar aos alunos detalhes sobre as atividades econômicas após o declínio do látex, bem como as mudanças econômicas que trouxeram à vida dos moradores de Janauacá. Por exemplo: os seringalistas trabalhavam nos seringais e, apesar de todo o esforço físico, cansativo e acúmulo de dívidas, esse trabalhador mantinha com humildade o sustento da sua família. Nesse contexto das mudanças econômicas ocorridas de grande instabilidade comercial da época da goma elástica, os trabalhadores que viviam em ares de melhor manejo

começaram a sobreviver da agricultura e da pesca, onde agricultores não permitiam que os pescadores praticassem suas atividades pesqueiras em suas comunidades, e como alguns não ficaram longe das áreas dos agricultores, estes se revoltaram contra os pescadores do lago do Janauacá, o que desencadeou a Guerra do Peixe.

Tais acontecimentos foram marcantes na vida da população de Janauacá, trazendo consequências até os dias de hoje, em que ainda há rivalidades entre pescadores e agricultores, conforme depoimentos em anexo. Entretanto, apesar de tantos confrontos, todos precisam sobreviver e garantir meios para a sobrevivência de suas famílias e manter suas necessidades e até mesmo empreender ou manter negócios. Como as pessoas da referida localidade mantêm suas atividades econômicas a partir da agricultura e da pesca, buscou-se também, nesta proposta educacional do trabalho, incentivar comunitários e alunos na sensibilização dos bons usos dos recursos naturais, garantindo, assim, um ambiente conservado.

Realizou-se entrevista oral com morador antigo que trabalhou na produção do látex e também estava em Janauacá na época da Guerra do Peixe. Foi um de alguns depoimentos orais de pessoas que relatam esse período triste: “Guerra” foi horroroso e traiçoeiro, diz pescador sobrevivente.

O pescador José Pucú de Oliveira revela detalhes do ataque e de como sobreviveu ao episódio. Hoje ele vive em Manaus. Ele tinha 20 anos quando se envolveu na Guerra do Peixe e foi o único pescador que participou do confronto encontrado pelos docentes, pois é um dos que relatou um grande fator regional da época. Morador do Tilheiro, exercia a profissão que também era a da maioria dos pescadores da comunidade. Oliveira descreve o episódio como horroroso e traiçoeiro:

Era véspera de ano novo. Esse Valdir

Silva, morador do Igarapé do Guarani, em frente ao Lago do Italiano, botou uma caixa no barco do pai dele e foi pescar na área onde não podia. O pessoal quebrou a caixa dele, foi quando eles [agricultores] juntaram o povo e foram quebrar o resto”, lembra Oliveira, que vive em Manaus desde 1985, com a mulher e os filhos (OLIVEIRA, 2013).

Zeca Batista, que morreu durante o confronto, era cunhado de José Pucú. Foi Batista que, chegando à cidade [Manaus] teria começado o conflito ou a revolta. “Era ele e mais o João Piranha, tudo foi no meio do lago. Atiraram no João Sarapó, meu primo, que morreu; atiraram em mim também, a bala entrou no meu braço esquerdo e pegou chumbo na minha barriga e chegou a ficar hospitalizado em Manaus (OLIVEIRA, 2013).

Segundo Oliveira (2013), em 1973, o clima de confronto era comum antes mesmo da guerra. “A gente sempre dizia: Amanhã vem o quebra-quebra, mas nunca imaginava que iria acontecer alguma coisa como aquela”. Na conta de Oliveira, foram presas cerca de 700 pessoas. “Fui eu que, com o delegado, fomos nas (*sic*) comunidades prender as pessoas”. A polícia pegou todo mundo, mas apenas 11 ficaram na penitenciária, um deles foi o Anísio (OLIVEIRA, 2013).

Após a “guerra do peixe”, os agricultores e pescadores acalmaram os ânimos e procuraram evitar novos confrontos, pois o conflito nunca foi esquecido totalmente, apenas amenizado. Este fato deixou muita história para as famílias que sobreviviam dessa atividade econômica para a renda familiar, porque vieram a falecer pessoas que não tiveram chance de sequer se defender, pois não esperavam a revolta. Até os dias de hoje existe uma rivalidade, mas com uma conscientização dos moradores locais, ocorrendo uma preservação das espécies.

Para o representante da Colônia de Pescadores de Janauacá, Francisco Martins da Silva, 54, a prática de invasão em áreas proibidas diminuiu. Ele diz que os pescadores

estão conscientes de que é preciso preservar as áreas para que os estoques não se esgotem. Segundo Silva (2013), 98% da população do Tilheiro (Janauacá) vivem da pesca comercial.

Existem alguns cidadãos que ainda pescam onde não devem, mas tem sido um trabalho de conscientização aos pescadores da região, a colônia ajuda na preservação, pois é uma área de conservação ambiental junto aos órgãos do município. Isto levou pescadores à morte de forma traiçoeira e covarde, bem como há depoimentos de pessoas que até hoje “lutam” para evitar que os pescadores entrem com suas redes e malhadeiras nos locais proibidos, mas, após várias reuniões, surgiu um acordo de pesca e hoje são pouquíssimos os pescadores que ousam entrar na área proibida (SILVA, 2013).

A atividade da pesca ainda é emblemática na região, que promove anualmente a Festa do Mapará, que começa no dia 16 de março. No que se refere à economia em Janauacá, não há como deixar de destacar a Conservação Ambiental, pois, para plantar a mandioca, é necessário fazer desmatamentos e queimadas; e na pescaria, infelizmente, alguns não respeitam a época do defeso ou espécies pequenas que, quando não conseguem vender, jogam no rio da comunidade, o qual é fundamental para o consumo dos indivíduos locais e para o transporte navegável.

Nessa proposta de que a metodologia deve ser bem planejada e ter uma estrutura de qualidade foi que se buscou não fugir da realidade da localidade pesquisada, uma vez que escola e comunidade precisam estar unidas na busca de melhorias na qualidade de ensino e aprendizagem dos seus alunos. Estes se tornarão cidadãos críticos, participativos e sensíveis no momento em que sua história local se fizer presente no seu dia a dia. É preciso que educador e educando compreendam a relevância da História Regional para as crianças e adolescentes, para assim construírem um futuro pleno e

feliz.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao escolher o referido tema, foi pensando no conhecimento histórico do educando na história regional, pois é de grande valia que o indivíduo cresça e torne-se conhecedor dos acontecimentos que marcaram sua localidade. É nesse momento que se verificará os resultados alcançados e o interesse dos envolvidos pela conservação e economia local.

Dessa forma, o tema tinha a proposta de pesquisar as atividades econômicas da agricultura e pesca após o ciclo da borracha em Janaucá, analisar recursos que ajudassem a amenizar as dificuldades ainda encontradas em sala de aula ao se discutir história regional, bem como incentivar alunos a encontrar métodos educacionais que ajudem na conservação do meio ambiente da comunidade, pois se acredita que ao aprender com sua própria realidade, certamente continuará com bons hábitos em toda sua vivência.

Muitos perguntam: por que estudar fatos tão antigos que não fazem parte da realidade dos nossos alunos? Responde-se como os jovens e crianças de hoje podem ver em Janaucá atividades econômicas geradas a partir da agricultura e da pesca sem saber o porquê dessa forma de sobrevivência, ou mesmo saber que há desavenças entre as classes sem saber os motivos? É aí que entra a história regional para responder a essas questões, que para muitos pode ser “nada”, mas que fará grande diferença no futuro dos estudantes locais. Ratifica-se a afirmativa de que o indivíduo tornar-se-á um ser pleno e capaz, bem como apto a novos conhecimentos quando compreende seu passado, sua origem.

A maioria das hipóteses foi positiva e acredita-se que 70% dos envolvidos passaram a dar mais valor à história local e a valorizar

e conservar o ambiente em que vivem, com propostas e expectativas de, no convívio familiar, incentivar a busca de melhorias dos recursos naturais. É perceptível refletir que se precisa da natureza para manter sua sobrevivência, faz-se necessário conservá-la, pois é preciso evitar novas derrubadas para o plantio e não fazer grandes queimadas. Certamente isso prejudica a natureza. Também é preciso aprender que a terra necessita de descanso para continuar forte para o plantio. Sensibilizou-se ainda que o peixe é fundamental para a alimentação e para vender. Portanto, essencial se faz a sua conservação. É preciso respeitar a época do defeso, bem como não jogar peixes mortos no rio e evitar-se esse tipo de poluição.

É necessário que a água esteja bem conservada para o consumo, navegação e sobrevivência das pessoas e das espécies. Não pescar na área onde o acordo foi outorgado, evitando-se, assim, novos conflitos entre as duas classes, pescadores e agricultores. Nessa perspectiva, tornar-se-ão cidadãos responsáveis e conhecedores de suas realidades.

Assim sendo, os resultados foram satisfatórios, e faz-se necessário enfatizar a relevância de mais pesquisadores/historiadores buscarem na história regional uma das principais ferramentas na construção de um educando conhecedor. Dessa forma, encontrar na história ou em qualquer disciplina a oportunidade de trabalhar a Conservação Ambiental é fundamental para sensibilizar o aluno a tornar-se consciente quanto ao uso dos recursos naturais.

Percebe-se que muitos professores associam Educação Ambiental apenas à disciplina de Ciências. Acredita-se que a educação precisa ser interdisciplinar para ser completa. Ser educador é encarar desafios, alcançar resultados, buscar metas, não é fácil e nunca será, mas escolher essa profissão é estar disposto a enfrentar barreiras para obter conquista, e é isso que é gratificante.

Destarte, é essencial que novos temas sejam pesquisados. Muitas vezes, o que se vê são professores que, no desapego à profissão, deixam de pesquisar temas simples, mas relevantes para a prática de vida do aluno, por serem mais difíceis de encontrar fontes, para, então, copiar ou ir atrás dos mais fáceis. Não é difícil ser professor, difícil é ser educador, este certamente não tem medo de argumentar, investigar e provar, de formar cidadãos críticos, sensíveis, participativos, capazes e conhecedores da sua realidade e do mundo em que vivem, pois dele faz parte, então precisa conhecer.

Analisar e refletir sobre as atividades econômicas em Janauacá após o Ciclo da Borracha e a Conservação Ambiental nesse Contexto foi um tema que envolveu a realidade do aluno, de modo que o fez refletir sobre assuntos que fazem parte do seu cotidiano, que muitas vezes são até despercebidos, mas que são reais, são vivências. Não é simplesmente propor mudanças quando se está apegado a costumes que, para eles, é rotina, é normal. Fazê-los entender e mudar suas formas de pensar sobre a economia, o comércio, a agricultura, a pesca e a conservação ambiental do local em que vivem é um trabalho que exige foco e determinação.

Certamente as propostas apresentadas, os assuntos debatidos, as observações e algumas atividades realizadas na escola para conservar a natureza foram satisfatórias e positivas. Diálogos e depoimentos sobre o acordo de pesca fizeram com que a maioria entendesse a importância de respeitar a lei e que esses acordos também estão garantindo maiores quantidades de peixes, pois não é preciso subir para a área proibida, já que o peixe descerá o rio para a área livre.

Assim, este trabalho contribuiu para a compreensão da importância do ensino de história regional e para os bons resultados quanto à conservação ambiental local, bem como no aprendizado e conhecimento que

trouxe ao professor pesquisador, dando uma grande ênfase à sua profissão, fazendo perceber e refletir que o aluno precisa conhecer seu passado para entender seu presente e construir seu futuro, surgindo daí um indivíduo conhecedor, sensível, competente e feliz.

5 CONCLUSÃO

Esse trabalho foi realizado com o propósito de trazer para o ambiente escolar a história regional, que é de grande relevância para o desenvolvimento educacional e social do indivíduo, pois é através do seu passado que entenderá seu presente e seu futuro. Procurou-se, em todas as etapas dos estágios, abordar um dos temas mais importantes da história regional do Amazonas, que foi o período da borracha, sendo que este esteve presente por muito tempo na vida do povo da Amazônia, e não foi diferente para o povo de Janauacá, pois o látex era a principal fonte de renda na época.

É importante registrar que os estágios foram um período de extrema importância no que diz respeito ao desenvolvimento ético e profissional do acadêmico do curso de Licenciatura em História, no qual o objetivo principal é a prática e a postura que o futuro profissional exercerá em sala de aula, ampliando seus conhecimentos do que realmente venha a ser o trabalho do profissional de educação.

Com relação à prática de ensino do professor em sala de aula, uma delas foi como os discentes usam a história regional no processo pedagógico de ensino e aprendizado, ocorrendo uma consciência ao meio ambiente. É neste estudo que obtive conhecimentos na área da educação e compreendi que os professores são atores principais do cotidiano escolar, capazes de formar cidadãos críticos e responsáveis. Ao identificar que é pela educação que modelamos os jovens, os transformamos em sujeitos com uma responsabilidade social e

cultural, principalmente como agente ativo transformador no processo histórico social e econômico. Visto de muitos olhares, o professor no ambiente educacional mudará as formas de ensinar, dando um novo conceito ao historiador através de um grande profissional da educação em si.

Desta forma, este trabalho possibilitou uma compreensão das atividades após o ciclo da borracha na pesca e na agricultura, a partir da conservação ambiental com relação ao trabalho, que se centra na preparação do espaço para a realização da atividade, comercial e econômica, como principal fonte de renda em Janaucá, o que conduz ao mesmo tempo à formação de grupos (comunitários) que possam compartilhar da mesma ideia e disponibilizar tempo para a preparação do referido espaço.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRINI, C. D. Caminhos na construção de uma ação pedagógica criativa. In: VASCONCELOS, Mário S. (Org.) **Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo**. São Paulo: Moderna, 2001.

ABDALLAH, P. **Atividade Pesqueira no Brasil: Política e Evolução**. Piracicaba-SP, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, USP, 1998. (Tese em Economia do Meio Ambiente).

BARTHEM, R. B. et al. **A pesca na Amazônia: problemas e perspectivas para o seu manejo**. Rio de Janeiro, MCT/CNPq. Sociedade Civil Mamirauá, 1997.

BENEDICTO, H. G. **Multimatérias**. Poluição. São Paulo: DCL, 2007.

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia**. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação**

Ambiental: Princípios e Práticas. São Paulo: Gaia, 2003.

LIPPI, Valéria Martins. **Amazonas**. São Paulo: FID, 2001.

MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos de didática**. Curitiba: Ibplex, 2008.

MOREIRA, C. R. Baukat Silveira; VASCONCELOS, José Antônio. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de história**. Curitiba: Ibplex, 2007.

OLIVEIRA, José Pucú. Entrevista oral concedida na Escola Arthur Menezes de Oliveira, sobrevivente da guerra do peixe entre agricultores e pescadores. Janaucá, setembro de 2013.

PIAGET, J. **Linguagem e pensamento da criança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1990.

RODRIGUES JR., G.; ORLANDO, A. M.; RUANO DA SILVA, J. C. 1989. A evolução da atividade pesqueira na região estuarina da Lagoa dos Patos. In: **III Encontro de Ciências Sociais e o Mar**. Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil / IOUSP / F. FORD / UICN. São Paulo. p. 325-332.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **História do Amazonas**. Rio de Janeiro: MEMVAVMEM, 2010.

SILVA, Francisco Martins da. Entrevista oral concedida na Escola Arthur Menezes de Oliveira, Janaucá, setembro de 2013.

SOUZA, M. A. O crédito do SNCR ao setor pesqueiro do Rio Grande do Sul em perspectiva histórica. In: **Anais do II Colóquio Internacional da Cátedra UNESCO - UNISINOS**. São Leopoldo, 2005.